

Almanaque do Futuro

EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Experiencia motivadora No. 39



**TRANSIÇÕES EM TEMPOS
DA PANDEMIA**

Tudo começou quando a Fundação Muyu Chakana, em plena pandemia, decide não fazer curativos nas maiores feridas, ou seja, entregar sementes nativas e fomentar hortas familiares ao em vez de repartir cestas básicas. Hortas e sementes nativas que mudam vidas, jovens que eram de gangues e indígenas se tornando produtores de sementes e permacultores, compreendendo a verdadeira importância das sementes nativas autóctones e crioulas.



PILAR OU KINTY MAS NÃO MARÍA

Pilar, mulher Kiwcha Otalavenha conta um pouco sua história: “Venho de uma família Kiwcha dedicada à agricultura. Meus antepassados foram explorados nas fazendas e toda mulher indígena era batizada obrigatoriamente com o nome Maria. Quando fiz 9 anos, me neguei a que meu professor me chamasse Maria, pois sou Pilar”. Quando o professor tentou castigá-la, ela lhe tirou o chicote. “A partir desse momento iniciei um processo de diferentes experiências que me forjaram como líder. Somado a isso, as sabedorias de meus anciãos e anciãs. Minha avó me dizia: Você tem que enfaixar bem a cintura para abrir caminhos! Meu avozinho que faleceu quando eu tinha 7 anos me deu o nome de Kinty que quer dizer beija-flor”. Pilar ou Kinty cumpre ao pé da letra o legado de sua vó, sendo guardiã por herança ancestral, resgatando a liderança feminina,

permacultura, cultura, língua materna e indumentária.

“É um verdadeiro desafio que todos os conhecimentos e saberes ancestrais de nossos anciões sejam o legado de identidade das novas gerações, já que estamos tão mais imersos em querer adotar outras formas de vida do que em que resgatar e fortalecer nossas raízes e identidade” Conta Pilar que nas comunidades, os adultos não interagem facilmente com os jovens. “A permacultura existe nas comunidades porque é nosso estilo de vida cotidiano, ...diante deste grande sistema [de desenvolvimento] nosso jovens e mesmo adultos somos absorvidos, pondo em risco nossa identidade do verdadeiro Sumal Kawsay, que é da onde nasce toda a vida, das nossas sementes ao nosso patrimônio alimentício, sendo que recuperar o que nos pertence por herança ancestral é o maior desafio. **“Estamos perdendo a soberania alimentícia”**”, diz a líder.



TRANSIÇÕES PANDÊMICAS

A Fundação Muyu Chakana (do Kiwcha: Cruz Andina de Sementes) começou durante os confinamentos estritos pela crise sanitária da pandemia com entrega de cestas básicas de alimentos aos mais vulneráveis; pessoas com deficiência, idosos e mães solo em bairros urbanos empobrecidos de Ibarra e algumas comunidades rurais dos cantões de Cotacachi, Otavalo e Ibarra, todos na província de Imbabura no norte do





Equador. Pilar lembra: **“começamos a fazer curativos nas maiores feridas, mas vendo que não era solução aos grandes problemas que estávamos atravessando, iniciamos a entrega de sementes nativas autóctones e crioulas ao em vez de cestas básicas”**. A través de Paul Murtha, outro integrante da fundação, contatou-se a Rede de Guardiões de sementes para a compra de sementes orgânicas, e daí nasce a partir da fundação, a ideia de criar bancos de sementes autóctones nativas e crioulas para resgatar, conservar e regenerar a biodiversidade,

respeitando o entorno social e natural de cada comunidade.

Com o apoio de Rogelio Simbaña da Rede de Guardiões de Sementes como padrinho, Muyu Chakana iniciou o primeiro curso de Permacultura Básica. Perguntando ao Rogelio como iniciar um banco de sementes, ele ficou um momento pensativo e respondeu com um grande sorriso: **“não sei, mas, vocês estão claros de que não será nada fácil?”** Pilar explica, nas suas palavras o que Muyu Chakana busca com as oficinas: **“Estamos**

ajudando vários mashis¹ a que seus saberes sejam pilar fundamental para criar um centro de permacultura oferecendo oficinas, sendo eles os mestres que ensinem seus conhecimentos com os princípios e éticas da permacultura, onde os conhecimentos inatos permaneçam nas novas gerações”. No início e antes de começar o curso, Pilar, junto com Rogelio fizeram um percurso por 16 comunidades rurais de Cotacachi, Otavalo e Ibarra; finalmente participaram 86 pessoas, entre os quais alguns jovens de bairros urbanos de Ibarra.

O curso de design em permacultura básica trata do manejo e uso do solo, água, sementes, técnicas de plantio, bosques, comestíveis, plântulas e tem por objetivo o despertar a consciência pelo respeito e intercambio das sementes autóctones nativas e crioulas para o resgate e fortalecimento do verdadeiro patrimônio alimentício.

¹ NdeT: Companheiro, amigo, camarada

No total se formaram 148 pessoas, mulheres e homens entre 8 e 64 anos. 48 destas decidiram seguir com um segundo curso, se formando como produtores de sementes, para o resgate, regeneração e conservação do patrimônio alimentício.

A transição, experimentada por Muyu Chakana, se desprendendo da lógica convencional de muitas ONGs, também em resposta ao cansaço das pessoas diante do foco tradicional do desenvolvimento, custa discussões internas na fundação, já que para quem vem da escola de desenvolvimento convencional, não é fácil transitar em direção a novos caminhos.

HORTAS URBANAS DE PAZ

Christopher Robles é outro integrante protagonista de Muyu Chakana. Morou até os 12 anos com a sua avó em Ibarra. Depois, já vivendo com sua

mãe, se mudaram para Alpachaca, bairro com uma realidade social complexa. Aos 15 anos, Christopher tinha entrado já para a gangue dos Blood; violência, drogas, delinquência e guerra com outras gangues pelo controle do território eram cotidianas. Aos 19 anos teve problemas penais por consequência da violência na rua. Finalmente conheceu seu pai, com quem morou em uma chacra, longe de Ibarra e da gangue. Christopher lembra: **“Cultivava a terra e a terra me cultivava, graças e esses anos, mo-**

rando na chacra e trabalhando a terra, me tornei uma dessas pessoas que detestava quando vivia no mundo das drogas.”

Nesses anos, Paul Murtha se aproximou da gangue Blood no Bairro Alpachaca e realizou um projeto de prevenção; desta maneira os jovens gangsters começaram a trabalhar como promotores visitando escolas e trabalhando com jovens, falando das desvantagens da vida dos gangsters, entre droga, roubos e violência. Assim, os



jovens que eram das gangues formaram o coletivo “Rua, Paz e Respeito”.

Christopher passou da chacra familiar para a universidade, terminando a carreira de agrônomo para voltar à Alpachaca onde se reintegrou ao coletivo. Blood, a gangue, não deixou de existir, mas mudou de norte e conseguiu se ressignificar. Ao lado do seu antigo rival, a gangue Latin King, com quem se travava fazia anos uma guerra territorial, assumiram o papel de guardiões da paz, ajudando a desmantelar conflitos territoriais de outras gangues juvenis. Blood coordena atualmente o Centro Cultivarte, localizado no bairro Alpachaca; as instalações, administradas por Blood em comodato com o governo local, têm uma quadra de rúgbi orientada aos que os garotos tenham um esporte para canalizar suas energias, cabelereiro para a inserção no trabalho de jovens ex-presidiários e uma banca de fast food. **“A gangue mudou seu objetivo, mas segue sendo nossa tribo e nos sentimos parte deste território”**, explica Christopher.

No início da pandemia, Paul Murtha queria entregar cestas básicas em Alpachaca; Christopher conseguiu convence-lo a melhor apoiar jovens particularmente na criação de hortas urbanas. Esse projeto de Urban Peace Garden despertou um grande interesse nos jovens. Christopher menciona o caso de vários jovens das gangues, vivendo nas drogas e álcool, com quadros de desintegração familiar onde a horta começou a gerar interação familiar, garotos que trocaram a violência e o vício pela horta.

INTERCULTURALIDADE A PARTIR DA PERMACULTURA

Os cursos de Muyu Chakana geraram encontros e convivências mais permanentes entre os indígenas Karanquis, Otavalos, Kutacachis, mestiços e afros, grupos que não sempre convivem confortavelmente. Tanto a Pilar como

Christopher trabalharam muito para criar um ambiente intercultural. Christopher apresentou a Pilar aos seus como sua “irmã”. Aos poucos surgiu um ambiente de respeito onde ninguém esconde sua forma de ser, pelo contrário, mostra sua cultura e identidade. Mauricio, um participante urbano mestiço do curso, conseguiu com a suas apresentações de rap inspiradas na permacultura que inclusive as pessoas indígenas mais velhas entraram no ritmo da música durante as convivências. Assim nasceu a rede intercultural de permacultores.

O papel da Pilar e do Christopher em Muyu Chakana, mais do que facilitadores é o de líderes de processos a partir do tecido social dos territórios que eles fazem parte. Atualmente estão tentando conseguir apoio financeiro para garantir a continuidade dos processos. **“A predisposição das pessoas participantes em apoiar para possibilitar convivências e oficinas é bem grande, há muita coesão social. A interação com o grupo nos dá segu-**

rança para seguir dando passos no processo de transição a modelos regenerativos de vida” coincidem ambos.

PRODUTORES DE SEMENTES EM AÇÃO

Lourdes Muenala mora em um bairro periurbano de Otavalo. Ela, com seu filho Joshua de 22 anos se formaram no curso básico de permacultura. **“Com o curso recuperamos bastante sabedoria de nossos avós que havíamos perdido”**, conta Dona Lourdes. Já que seu esposo não participou no curso, há momentos de discussão ao redor de por exemplo construir um banheiro seco ou de plantar árvores frutais para fazer um pomar no pequeno terreno. No momento faltam recursos para habilitar novamente a estufa, destruída pelos ventos de tormentas. Lourdes é uma mulher lutadora, acostumada a



atender vários trabalhos para sustentar seus 4 filhos. **“Sempre recuperei as sementes de vagens, milho, quinoa e amaranto, mas foi a partir das oficinas que comecei a recuperação de sementes de cenoura, e o plantio ancestral de medicinais como a batata chaucha ou a mashwa²preta”**. Claudia Sanchez é outra das

² NdoT: tipo de batata e tubérculo andino

participantes é outra participante das oficinas de permacultura básica do Muyu Chakana. Aprecia muito o que aprendeu nas oficinas e agora está aplicando. **“Planto de forma associada, fazemos a colheita seguindo o ciclo lunar, defumamos as sementes e a colheita de grãos antes de guardá-los; guardamos o milho com as cinzas”**, conta Claudia. Logo, caminhamos um pouco para

ver a horta, o pomar em crescimento, ao estanque de purificação das águas servidas. Aqui trabalham três gerações: Claudía, sua mãe e sua filha, a mais jovem, que colheita e come...

Os jovens que migraram com seus pais do campo para a cidade ou que ali nasceram, filhos de famílias de origem rural compreendem rapidamente como é importante e bom cultivar a comida quando o fator limitante é não ter muito espaço. Jovens no campo costumam ter terra a seu alcance, mas querem ir morar na cidade; parece um círculo vicioso.

MENSAGENS PARA O FUTURO

- Compreender a pandemia também como momento de oportunidade, iniciando transições para agir em regate e regeneração da biodiversidade e intercâmbio de sementes, garantindo, a partir da compreensão da permacultura, a segurança e soberania alimentar y a criação de bancos dinâmicos de sementes nativas.
- A horta como elemento que gera união e interação familiar, capaz de dar um novo rumo às vidas.
- A permacultura como senda que une a recuperação da sabedoria ancestral com tecnologias inovadoras, promovendo melhora da saúde, bem-estar e oportunidades económicas entre as famílias, em harmonia plena com a mãe-terra e o futuro.



Almanaque do Futuro

O texto foi elaborado, com base nas conversas in situ pelo Almanaque do Futuro, representado por Jorge Krekeler, (facilitador de Misereor, a pedido de Agiamondo) com Pilar e Christopher da fundação Muyu Chakana. O presente texto tem sido objeto de socialização. Um profundo agradecimento para Pilar de la Torre e Christopher Robles, principais gestores de Muyu Chakana e para Claudia Sanchez e Lourdys Muenala, participantes do curso de permacultura; agradecimentos também ao Javier Carrera da Rede de Guardiões de Sementes por ter facilitado os primeiros contatos

Autor: **Jorge Krekeler**, jorge.krekeler@posteo.de

Design: **Ida Peñaranda - Gabriela Avendaño** Fotografias: **Muyu Chacana**

Tradução: **Ida Peñaranda – Isabel Pérez**

Dados de contato a respeito da experiência documentada:

Muyu Chakana

<https://www.muyuchakana.org/>

fundación@muyuchakana.org

Facebook: **Muyu Chakana**

Red Guardianes de Semillas

<https://redsemillas.org/>

Edição: **Maió 2022**

Com o apoio de:

MISEREOR
• IHR HILFSWERK



CC-BY 4.0, podem aplicar outras licenças a logotipos, imagens individuais e textos (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/.21.06.2018>)

www.almanaquedelfuturo.com